

**ANTIGOS 'ENGENHOS DE AÇÚCAR' EM  
ITINERÁRIO DE ATIVAÇÃO CULTURAL  
REVELANDO A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO  
DA EX-ALAGOA DO SUL (MARECHAL  
DEODORO): UMA PROPOSIÇÃO**

**Josemary Omena Passos Ferrare**  
jferrare@uol.com.br

**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

# **Antigos „engenhos de açúcar“ em itinerário de ativação cultural revelando a história da colonização da ex-Alagoa do Sul (Marechal Deodoro): uma proposição.**

## **Resumo**

O texto expõe como o *locus* sesmeiro Madalena de Sumaúma, depois denominado Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul e Alagoas do Sul (hoje Marechal Deodoro) no estado de Alagoas, por ser banhado pela Lagoa Manguaba e possuir terras férteis para o cultivo da cana de açúcar, aglutinou uma rede de engenhos e fazendas que nutriram a dinâmica sócio-cultural e a economia da localidade, mantendo-a sempre em expansão, entre os séculos XVII e XVIII, até a transferência da Capital Alagoas para a cidade Maceió, no século XIX. Procura também demonstrar como a partir desta decadência, político-econômica houve o decréscimo das unidades produtoras do açúcar – os engenhos, e de todos os demais espaços tipológico que lhes articulavam o complexo: a casa grande, a senzala, a capela, a casa de farinha, etc. O texto faz uma proposição para que seja articulado um programa de ativação cultural entre as unidades ainda existentes na área ruralizada que revelam bastante sobre o povoamento colonizador desse município, cuja sede urbana foi decretada Patrimônio Nacional (em 2006), pela sua expressividade histórica na ocupação do nordeste brasileiro. Defende o posicionamento de que, através de medidas de recuperação física e programas de ativação cultural seja possível interceptar o processo de obsolescência dessas antigas estruturas produtivas e reafirmar, entre moradores e visitantes, valores culturais que permeiam essa História.

**Palavras-chave:** Arquitetura rural, engenhos de açúcar, preservação cultural.

## Introdução

Uma acurada análise bibliográfica e documental vem confirmar o pressuposto de que o foco inicial de povoamento do *locus* Madalena de Sumaúma, surgido a partir da divisão de terras em sesmarias, pontuou-se na localidade Taperaguá, tendo florescido à mercê de colonos, reconhecidamente convictos na Fé Cristã disseminada pelos fundamentos católicos, repassado pelos portugueses, que ditaria o seu processo de espacialização convergente para o edifício da igreja, cuja invocação sempre foi a do Senhor do Bonfim<sup>1</sup>.



Figura 1. Estágios iniciais de ocupação da povoação Magdalena do Sumúma, posteriormente, Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul, Alagoas do Sul e, por fim, Alagoas  
Fonte: FERRARE, 2006.

Desde então, apoiada em uma sociedade de base aristocrática rural, composta por fazendeiros, senhores de engenhos, colonos, oficiantes em geral, escravos e índios, viu esta expansão sócio-econômica se rebater de forma gradativa na evolução tipológica de suas habitações, conforme sintetizou o historiador alagoano: “A margem da formosa Manguaba, florescia o povoado com sua casaria geralmente tosca, destacando-se, aqui e ali, algumas construções que já não tinham o caráter de acampamento”. (COSTA, 1983)

Contudo, o adensamento populacional do núcleo viria a transferir-se e se firmar de modo mais estruturado em torno da igreja matriz Nossa Sra. da Conceição, edificada em local bem elevado acima da cota nível da Lagoa Manguaba, muito embora mantendo comunicação com o platô de terra às margens do Rio Sumaúma que banhava Taperaguá, onde florescera o núcleo inicial através de pontes, tal como chegou a fazer menção o Relatório do comerciante holandês Adriaen Van Bullestrate, apresentado em 1642 a representantes da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, ao descrever aspectos da devastação holandesa na região e testemunhar sobre a implantação da “Povoação do Sul” em sítio topográfico elevado.

<sup>1</sup> O traçado deste Largo, o mais amplo da cidade, e se define pelo alinhamento do casario contínuo à volta da igreja, em conformação típica da urbanística portuguesa implantada nos assentamentos pólos de colonização do litoral brasileiro. É visualmente marcado pela localização da igreja que foi erguida a partir do sistema de doação de terras para formação de “patrimônio religioso” (MARX, 1999) e polarização do assentamento.

[...] Seguimos até o rio Soubajouma e aí descansamos; as pontes sobre os rios que levam à Povoação do Sul estavam destruídas ou arruinadas, e por isto tive que contornar a lagoa pela margem para chegar a voação em cujos percursos gastei mais de uma hora, encontrando em caminho Belchior Lotte Ferrera, que na margem está construindo curral de peixe, Ele obteve de um negro que nos indicasse a passagem, o que realizamos apesar disto com grande perigo [...] Visitei a Aldeia da Povoação do Sul, e verifiquei estar muito convenientemente situada à vista do mar, em um morro; acha-se, porém, inteiramente incendiada e destruída pelo comandante Malburgh que aí esteve [...] e por ele abandonada depois. Os muros da igreja ainda se mantêm de pé, com duas casas arruinadas. Dali seguimos para o acampamento... ou **engenho Velho** achando os caminhos tão invadidos pelo mato que em alguns pontos fomos obrigados a abrir passagem para prosseguir a marcha; à noite, entre 8 e 9 horas chegamos **ao engenho de Gabriel Soares** [...] O citado Gabriel Soares mostrou-se disposto a pôr **o seu engenho** em completa ordem e já começou a moer; espera que no próximo ano esteja de todo organizado[...]. Como a maior parte dos escabinos se encontrassem ausentes no Recife, dei ordem a Gabriel Soares para refazer todas as pontes caídas, tanto a da Alagoa como a dos rios, instituindo uma finta para esse trabalho, com indicação de quantos negros, por que tempo e para que serviço cada morador deve fornecer-los, asi como para desobstrução e desbaste dos matos das estradas e passagens, de modo que pudessem ser usadas sem dificuldades, o que prometeu cumprir. (REVISTA do Interior e Justiça, 1949.Grifos da autora).<sup>2</sup>

Analisando literalmente a citação desse Relatório detecta-se, além dos dados descritivos sobre a marcante localização da “Povoação do Sul”, equivalente à Alagoas do Sul, em parte alta com comunicação com a parte à beira do Rio Sumaúma, bem como, a referência feita a engenhos de açúcar em atividade produtiva, já naquela ocasião (séc. XVII), mesmo após todo o processo de destruição batava que culminara com um incêndio que causou a destruição da igreja matriz e de boa parte do casario edificado na nucleação urbana, “bem como canaviais adjacentes e considerável quantidade de seu gado [...] [embora] com o fim do domínio holandês, voltou o latifúndio açucareiro a tornar-se cada vez mais absorvente.”. (BARROS, 1991).

Mediante análise documental e bibliográfica foi possível acompanhar a gradativa ocupação dos engenhos de açúcar instalados entre os séculos XVI e XVIII, em volta da Lagoa Manguaba, nas margens da povoação Alagoas do Sul e no extremo norte lagunar, onde também formou uma da rede de engenhos de açúcar no atual município de Pilar. (Figuras 2 e 3).

---

<sup>2</sup> Vale atentar para o fato de que este Relatório foi elaborado nove anos após a invasão holandesa na Capitania de Pernambuco, a qual atingiu a então Povoação do Sul ou Alagoa do Sul em 1633, com devastador incêndio e deixou muita destruição e falta de reparo, pois havia sido abandonada pelo comandante incendiário como é o caso das pontes mencionadas, de extrema importância para o sistema de comunicação da localidade. Sobre a premência da reconstrução, ainda tratavam documentos expedidos entre os anos de 1666 a 1681, tais como o Termo de Vereação de 1668, no qual é dito “requereu o procurador do Conselho Miguel André da Rocha aos ditos oficiais da Câmara que mandassem fazer as pontes que he a serventia desta dita Vila [...]” (Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas Nº 00007/01/02 Doc. 02 p. 4v) e, também uma Factura das pontes sobre o Subaúma de 1677, na qual consta a declaração de desejo de “João Pereira da Cunha morador no termo desta Vila que disse em presenca dos ditos senhores da Câmara que elle está dentro de hua ponte e outra e queria fazer as pontes que passam homens e cavalos e obrigava a fazelas dentro em quatro meses [...]” (IHGA Nº 00006/01/02/01 p. 45v/46v), muito embora, ainda no ano de 1679, encontre-se um Termo pelo qual obriga-se o Tenente de Cavalos Gonçalo Duro Romão a fazer as duas pontes do Subaúma e Taperaguá, conforme consta no (IHGA, Nº 00006/01/02/Doc. 01. p.55 e 55v).



mostrado sempre crescente a sua prosperidade como centro de produção agro-mercantil e de pastoreio, até finalizar o século XVIII em plena ascendência do propósito colonizador de “crescer em rendas”, adquirindo uma dinâmica cotidiana de produção econômica centrada no extrativismo e escoamento do açúcar:

*Os carros de bois que servia para carregar cana, sacos de açúcar, móveis, utensílios, mudanças, etc., servia também de transporte de senhores de engenhos com seus familiares em passeios e compras na Sede [da povoação] e também em visitas as outras propriedades. O carro de boi chiando pelas estradas era um elemento imprescindível a nova paisagem. A Barcaça teve um grande papel no carregamento de açúcar e outros produtos, e também dos comerciantes que viajavam para a Capital de Pernambuco e outras localidades. (HELENO, 1998:62).<sup>3</sup>*

Apesar do apogeu vivenciado entre os séculos XVII e XVIII que redundou no aumento gradual da quantidade e rendimentos da estrutura produtiva dos engenhos, e o advento do século XIX tenha lhe conferido o papel de Capital da Província de Alagoas, entrou em gradual processo de decadência a partir da transferência da Capital da Província de Alagoas do Sul para a recém elevada cidade Maceió em 1839, a ponto de três anos após essa ocorrência, ou seja; em 1842, Alagoas já contar apenas com 28 engenhos de açúcar e 864 casas; enquanto Maceió, que prosperava com rapidez, já possuía 54 engenhos e 818 casas.

O decréscimo dos engenhos prosseguiu de forma vertiginosa, acontecendo em 1859 (dezessete anos depois), de Alagoas, ex-capital da província, apenas contar com 18 engenhos e 9.426 habitantes (8.449 livres e 977 escravos), enquanto Maceió, atual capital, já contar com 55 engenhos e 26.531 (23.463 livres e 3.068 escravos). Sempre decaindo, Alagoas passa a apoiar-se na atividade pesqueira de subsistência e incipiente comércio, tornando-se um núcleo artesanal de rendas e de pescadores por quase um século, e assim vivenciou o século XX, alcançando alguma ascendência econômica somente a partir da década de 1970 quando ocorreu a implantação, em seus limites territoriais do Pólo Cloro-Álcool-Químico enquanto extensão da Indústria Salgema sediada em Maceió e quando foi implantada a Usina Sumaúma, que apesar de lidar com a matéria prima da cana de açúcar, não possui vínculos operacionais com nenhuma das estruturas de fabrico dos antigos engenhos de açúcar.

---

<sup>3</sup>A importância dos carros de bois transcendo o quadro sócio-econômico desta sociedade, pois, se interligava com a ritualística da festa religiosa do Senhor do Bonfim na igreja de Taperaguá, conforme atestam moradores: “Nos tempos idos, a Festa do Bonfim [06 de janeiro] era ainda muito mais animada e bonita do que hoje, porque tinha a chegada dos carros de boi na „véspera” (sic) do dia 6, à tarde. Os carros de boi vinham dos engenhos de açúcar, dos que ainda moíam por aqui, dos que alcancei moendo. Os outros que houvera já „tavam”(sic.) de fogo morto. Vinham do Roncador, do velho Totonho e do Caípe, do velho Joca Lobo... Os carros vinham das matas com carregamento de lenha. Quando iam chegando, iam logo se arrumando p”rá subir a calçada da igreja. De costas!! O carreiro ia instigando os „boi”, até ver qual dos carros subia os degraus, de costa p”rá igreja. É! Era „dífici” (sic) mas o carro de engenho que ganhava levava o prêmio. Isso tudo acontecia com os Zabumba tocando. Também tocava banda de música. As bandas sempre tocam em tudo por aqui. Quando acabava a brincadeira dos „carros de boi” a lenha dos carros todo era „butada” (sic) no chão, entre o Cruzeiro e a Igreja, e ali se fazia uma fogueira bem alta!!! P”rá queimar até o dia „amanhecê” (sic)”(Fala do Sr. José Francisco Oliveira, 92 anos, in: FERRARE, 2002.Grifo da autora).

No entanto, a análise acurada da espacialidade que ainda se encontra agenciada/edificada na área ruralizada da ex-Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro (Figuras 4 a 19) atesta como foram organizados, tipologicamente, espaços de habitar e evangelizar, integrados a outros espaços e equipamentos de produção do açúcar, respectivamente: casas grandes, senzalas, capelas, galpões de moagem, casas de farinha, etc., hoje desativadas ou em parcial processo de desgaste físico e depreciação do seu referencial enquanto ícone de História do sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil e de seus decorrentes valores culturais.



Figura 4. Engenho Hortelã - Galpão de moagem de açúcar  
Fonte: FERRARE, 2006.

Figura 5. Casa Grande (vista frontal)



Figura 6. Vista lateral da Casa Grande e Capela  
Fonte: FERRARE, 2006.

Figura 7. Capela e Cruzeiro

Figura 8. Altar-Capela



Figuras 9, 10 e 11. Engenho Gurganema – (a, b, c) – Ruínas da Capela  
Fonte: FERRARE, 2006.



Figuras 12, 13 e 14. Atuais casas de moradores sobre o embasamento da antiga senzala (a) / Ruína da casa de farinha e peça de moagem obsoleta (b/c)  
 Fonte: FERRARE, 2006.



Figuras 15, 16 e 17. Engenho Oitizeiro. (a/c/d) Galpão de produção/Bueiro//Terraço-beirado da Casa Grande/ Capela em quarto da Casa Grande aberto para o terraço  
 Fonte: FERRARE, 2006.



Figuras 18 e 19. Engenho Cumbre - Casa Grande – (a) Fachada (b) – Terraço lateral  
 Fonte: FERRARE, 2006.

Entende-se a partir da síntese feita por Gilberto Freire, que a casa-grande dos engenhos de cana, “completada pela senzala, [representava] todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho ( a escravidão); de transporte ( o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família com capelão [...])”

(FREIRE:2002:48). E, os exemplos tipológicos de alguns dos engenhos que compunham a rede produtiva da antiga Alagoas do Sul - o Hortelã, o Oitizeiro, o Gurganema e o Cumbre - acima exibidos, reforçam essa compreensão sintética.

Também é deveras compreensível o fato da Lagoa Manguaba, além de potencializar o extrativismo da pesca de sobrevivência e a intensa fertilização das terras para o cultivo da cana-de-açúcar, igualmente conseguisse prover o verdejamento dos pastos e a prática da pecuária; esta última, aplicável no processo de povoamento durante o todo o período de colonização do sul da Capitania de Pernambuco, tendo a fertilização sido também substancial para o crescimento econômico de Madalena do Sumaúma, chegando-se a encontrar em escritos de alguns historiadores alagoanos, enfáticas menções à beleza dos seus pastos, e à franca expansão de fazendas de gado e dos engenhos de açúcar nos seus limites e adjacências dessa localidade central do território que se tornaria depois, alagoano.

*Engenhos de açúcar que se valeram da presença de pequenos rios, que docemente se prestaram a moer as canas, a alargar as várzeas, a enverdecer os canaviais e que podem ser considerados as primeiras fábricas de açúcar aparecidas nas Terras do litoral – centro do território alagoano, apenas precedidas, em antiguidade, pelos engenhos de Cristóvão Lins, na região Porto Calvense. (BASTOS, 1976: 32)*

Em razão de todas estas constatações compreende-se que seria bastante oportuno, na atualidade, a organização de um itinerário de visita que contribuísse para conter a degradação sistemática de algumas unidades edificadas de casas-grandes, capelas, galpões, etc., desse eixo produtivo marginal à Lagoa Manguaba pela orla do município de Marechal Deodoro, e introduzisse a implementação de um sistema informativo de animação cultural de modo a estimular a manutenção do conhecimento correlacionado de modos de saber-fazer, tradições, superstições, etc., da “cultura do açúcar” decorrente do patriarcalismo do nordeste brasileiro, ainda latentes.

Admite-se que a implementação de tal itinerário com esse perfil irá incidir em melhoria das condições de vida e de pertencimento social de uma população adjacente ao entorno dessas edificações; bem como irá ampliar as opções de percursos turísticos de tônica cultural, no município, pois toda essa espacialidade agenciada e construída é narradora autêntica da história latente do processo de povoamento e colonização dessa localidade que possui traços comportamentais arraigados, oriundos do lastro cultural deixado pelo plantio do açúcar, desde a decisão do donatário Duarte Coelho em fincar bases exploratórias da sua Capitania na agroindústria da cana, para a qual investiu e diversificou o povoamento, segundo deixou ele próprio registrado em cartas:

*“[...] o que aqui costume e huzo e tenho posto em ordem.[...] que entre os moradores e povoadores huns fazem enjenhos d'açucar porque são poderosos para isso, outros canaveaes [...] outros são mestres d' enjenhos outros mestres d'açucueres carpinteiros ferreiros pedreiros oleiros e officiaes de formas e sinos para os açucueres e outros officiaes que ando trabalhando e gastando o meu por adquerir para terra e os mando buscar a Portugal e a Galiza e as Canareas as minhas custas e alguns que os que vem a fazer os*

*engenhos trazem, e aqui moram e povoam delles solteiros e delles casados aqui [...]*  
(MELLO; XAVIER, 1996 : 81).

Visualiza-se, assim, que esse itinerário de animação cultural proposto deve ser ativado para difundir coletivamente, o conhecimento das expressões do patrimônio material e imaterial dos ex-complexos açucareiros da ex-“colonial” Alagoas do Sul, constituído em um sistema possibilitador de uma sequência de leituras espaciais edificadas, naturais e agenciadas, onde a população local possa reconhecer as marcas de suas próprias referências culturais e partilhar com pessoas de outros lugares através de: circuitos de visitação orientada, oficinas de projetos pedagógicos de Educação Patrimonial associados a atividades múltiplas como exibição de filmes e documentários sobre ofícios e fazeres tradicionais, narração de lendas, práticas de agricultura doméstica, modos de confecção de remédios de plantas da mata, receitas culinárias etc., tudo decorrente do processo histórico de ocupação do território e povoamento do município como um todo (área rural e urbana).

Esta comunicação tem o objetivo expresso de ressaltar para os órgãos públicos gestores de cultura e turismo do município de Marechal Deodoro (nas instâncias municipal, estadual e federal), sobre a importância e validade de expor, *in loco*, para visualização e percepção sensorial desse acervo da história e arquitetura dos engenhos para os moradores, e para um público mais amplo de visitantes turistas de sua sede urbana, há muito cognominada de “cidade histórica” e elevada a Patrimônio Nacional desde 2006.

Tal objetivo encontra respaldo em premissas conceituais do Turismo Rural, cada vez mais em consonância com o interesse da preservação cultural (material e imaterial) de propriedades rurais,

*“obsoletas, e/ou improdutivas, muitas delas decadentes fisicamente, diante do abandono sistemático e paulatino a que estão sujeitas. [Mas, que] ainda assim detêm importantes elementos arquitetônicos, culturais e ambientais que, mais tarde, poderão ser resgatados como exemplos valiosos: casarões coloniais, senzalas, capelas, chafarizes, alambiques, currais, matas, [...] e um sem número de atrativos.”* (MOURA, 2001: 71).

Conclusivamente, concordamos com o referido autor e aproveitamos para fazer convergir reflexões de dois outros autores que igualmente corroboram para a defesa do cerne conceitual de preservação e resgate cultural da proposição ora apresentada:

*Quando o homem olha para o passado e recria sua imagem, consegue tecer uma história [...].* (OSTERMANN, 1999:75).

*A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo o brasileiro: da sua vida doméstica [...]. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana;[...] Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social.. [...] Estudando a vida domestica dos antepassados sentim-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.”* (FREIRE, 2002: 56).

## Referências

BARROS, Theodyr. **O processo de mudança da capital (Alagoas/Maceió):** uma abordagem histórica, 1819 – 1859. Maceió:UFAL, 1991.

COSTA, Craveiro. **História das Alagoas** (resumo didático). Maceió: Sergasa, 1983. 178 p.

FERRARE, Josemary Omena Passos. **A Cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do “lugar colonial”**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2006. 464p.(Dissertação de Doutorado).

\_\_\_\_\_. **MARECHAL DEODORO: um itinerário de referências culturais**. Maceió, Edições Catavento, 2002. 178 p.

FREIRE, Gilberto. **Casa – Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 668 p.

HELENO, Sebastião. **Marechal Deodoro primeira capital de Alagoas**. Maceió: Bom Conselho, 1998, 218 p.

OSTERMANN, Erica Alezard. **As provocações da imagem: a imaginação e a prática do restauro**. Salvador: UFBA, 1999. (Dissertação de Mestrado).

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Edusp, 1999. (Cidade Aberta).

MELLO, José Antonio Gonsalves de; XAVIER, Cleonir. **Cartas de Duarte Coelho a El Rei**. Recife: Massangana, 1996. 140p.

MOURA, Antônio Márcio Ferreira de. „Turismo, meio ambiente e espaço rural“.in: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.) **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).

REVISTA DO INTERIOR E JUSTIÇA. **“Dois relatórios holandeses”**. Recife, ano 4, 1949. (Separata).